

## O CAMAFEU DE DOURADOS.

(Mato Grosso):

---

Havendo lido, em reportagem jornalística comum, que em Mato Grosso, perto da cidade de **Dourados**, fôra encontrado objeto com efígie egípcia e hieroglifos, por correspondência coloquei-me em contacto com o anunciado proprietário da peça. Obtida confirmação do fato, parti para aquela cidade matogrossense, distante pouco mais de uma centena de quilômetros da fronteira paraguaia. Lá me detive uma semana, a fim de poder examinar pormenorizadamente o curioso achado (maio de 1959).

A presente **comunicação** tem por escopo dar a lume os dados que obtive, referentes ao indigitado objeto. Em que pesem opiniões nela citadas, não pretende liquidar a questão, mas simplesmente **colocá-la** — fornecendo aos peritos material para tanto.

### O atual proprietário da peça.

E' o médico Camilo Ermelindo da Silva, com 65 anos de idade, antigo deputado à Assembléia Estadual de Mato Grosso. Mineiro de nascimento, reside em Dourados há mais de trinta anos. Pessoa que goza de geral estima na localidade e redondezas, fidedigno, renomado facultativo de clínica geral e pequena cirurgia. Possuidor também de apreciável cultura geral, o Dr. Camilo dedica-se igualmente a estudos de línguas monossilábicas.

### O encôntro do objeto.

#### 1.º. — As fontes de informação:

São, notadamente, duas pessoas, ambas dignas de fé: o citado médico e a senhora Marcolina de Assis Muzzi. E' esta também pessoa muito considerada no lugar, com 66 ou mais anos, de posses, atualmente paralisada e viúva de João Muzzi, o qual deixou boa reputação no conceito local.

A sra. Marcolina de Assis Muzzi ouviu de seu marido todos os pormenores do encôntro do mencionado objeto. Conheceu ela, igualmente, a pessoa que viu por primeiro a peça.

O médico, também êle, ouviu os particulares da pequena história assim de João Muzzi, como da pessoa que lhe vendeu o objeto.

A êste, o achado, passaremos a chamar doravante de “camafeu”, não para definí-lo, mas para efeito de clareza.

## 2.º. — Os fatos.

Em 1942 — a data é preciçada pelo médico, mas expressa com certa dúvida pela senhora Marcolina de Assis, como sendo “entre 1942 e 1944” — João Muzzi, falecido marido de Da. Marcolina, encontrava-se na mata, a umas “20 ou 30 léguas” da cidade de Dourados, caçando em companhia de um peão seu, de nacionalidade paraguaia.

Na semana em que estive em Dourados não consegui localizar êsse peão paraguaio, nem mesmo saber o seu nome. Dona Marcolina, que o conheceu bem, informa que poderão ser obtidos dados a respeito na fazenda outrora de seu marido, hoje de seus cunhados; entre muitos empregados, não se recorda ela do nome do paraguaio.

Estavam, pois, João Muzzi e seu peão a percorrer a floresta. Para descanso, haviam parado um pouco junto a riacho de nome Piravevê. Segundo informações que nos foram prestadas pelo dr. João Baptista de Souza, advogado em Ponta-Porã e erudito mestre em coisas matogrossenses, com algumas obras publicadas, — o riacho Piravevê despeja suas águas, na verdade poucas, “na margem direita do rio Ivilhena, pouco abaixo da confluência dos rios Dourados e Brilhante”. Tal ribeirão, segundo descrições que recolhemos, corre, em geral, à flor da terra; sua largura é vária, podendo ser limitada entre um e meio metro até cinco, no máximo. Até o momento, contudo, não obtive dados oficiais sôbre êsse riacho matogrossense.

João Muzzi tomou um pouco d’água e, fatigado, deitou-se por ali mesmo. Foi igualmente o paraguaio beber do córrego. Lavando as mãos, para nelas tomar um pouco do líquido, viu a ponta de alguma coisa brilhar sôbre a água. Neste “sôbre” há algum titubeio nos informantes; interrogado de novo, dr. Camilo disse que tanto podia ser “sôbre” como “sob”, pois o riacho, ali, corria mesmo à flor da terra, sendo límpido e transparente.

Viu o paraguaio a ponta de alguma coisa emergindo da terra, no córrego. Levemente interessado, depois de haver saciado sua sêde, cavocou ligeiramente a terra com seu facão e pôde, assim, tomar em suas mãos pequeno objeto de forma ovalada. Lavou-o na água, aparecendo, então, uma imagem com “risquinhos em volta”. Mostrou-a a João Muzzi. Julgaram ambos tratar-se de uma “santinha”, isto é, da representação de algum santo da Igreja Católica, maximé porque o objeto tinha, em sua parte superior, um orifício, como as medalhas católicas que são apenas ao pescoço.

João Muzzi não deu maior importância ao achado, deixando a “santinha” com seu empregado.

De volta a Dourados, o paraguaio, entre outras coisas, contava, em um bar, o encôntro da medalha. Estava presente o sr. Armando Campos Belo, atualmente fazendeiro em Mato Grosso, que, visto o objeto, ofereceu ao peão uma garrafa de aguardente em troca da “santinha”. Aceitada a oferta, passou o objeto à propriedade do citado sr. Armando de Campos Belo. Mostrou-o êste, um dia, a seu médico e amigo, dr. Camilo Ermelindo da Silva, o qual, interessado, comprou-o por um conto de réis (Cr\$ 1.000,00), quantia que se pode qualificar de elevada assim para a época como para a região. Desde êsse dia, o “camafeu” pertence ao facultativo.

Ouvi a pequena história ao médico; repetiu-a, em sua casa, da Marcolina Muzzi. Esta também conta que seu marido, João Muzzi, em certa ocasião comentara com ela sôbre o elevado preço pago pelo dr. Camilo para obter a medalha. Observei igualmente que da Marcolina Muzzi, até hoje, ao referir-se ao camafeu, denomina-o ainda de “santinha”.

Êstes, os fatos referentes ao encôntro do objeto.

### **Exame do camafeu.**

1.º — **Matéria** de que é feito. Salvo melhor juízo, parece-me ser faiança ou porcelana. Uma como que louça vítrea. Todo seu fundo é de côr branca. Esfregando-lhe uma das extremidades com álcool, obtive forte brilho.

2.º — **Forma**. Oval, com o vértice para cima (ver fotos). Nesse vértice há pequeno orifício, como para se passar ali alguma diminuta corrente ou fio. Há pormenor curioso sôbre êsse furo: está sulcado na parte inferior, como se, forçando-a um pouco, por muito tempo houvesse passado, bem ali, um fio mesmo ou corrente. Seria de supor-se, no entanto, que tal fio ou



Fig. 1. — Foto tirada logo após a aquisição do camafeu pelo dr. Camilo Ermelindo da Silva.



Fig. 2. — Face "A", estado atual.





Fig. 3. — Face "B", estado atual.

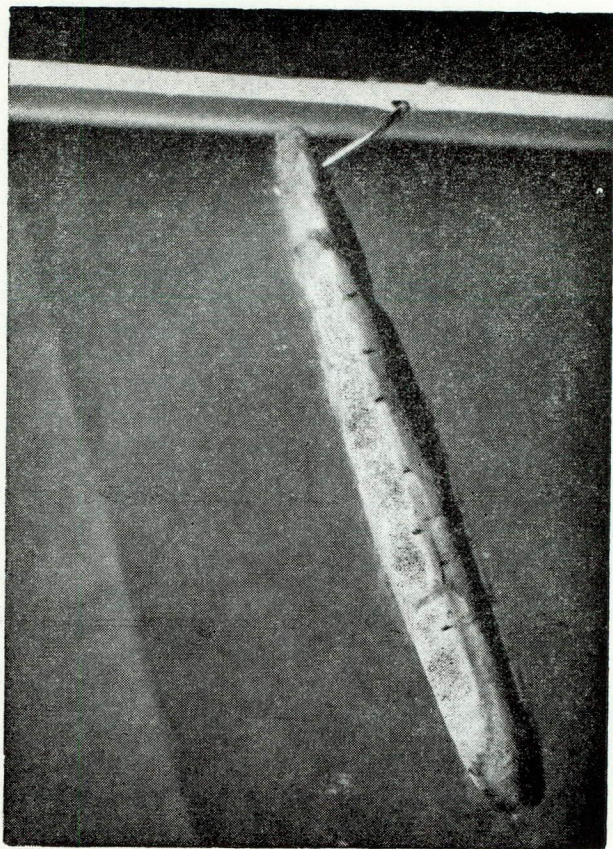


Fig. 4. — Espessura lateral do ccmareu.

corrente, se existiu, tivesse deixado sinal de uso na parte superior do furo, não em sua borda inferior.

Nesse orifício tive de colocar um alfinete para melhor fotografar ao camafeu (ver fotos de n.ºs 2, 3 e 4).

### 3.º — O “conteúdo” do camafeu.

Logo à primeira vista, percebe-se o “fundo” do objeto: representação de pedras brancas, umas sôbre as outras, como parede de um templo. Nos sulcos entre as pedras encontrei traços de tinta de côr verde, brilhante.

A parte central do camafeu é ocupada por efígie de rainha egípcia, com seu cajado à mão. Além dêsse distintivo clássico, traz, em sua mão esquerda, também uma flor de lotus. Seus pés repousam sôbre tríplice ordem de veiros, em semi-círculo, que chamaremos aqui, para clareza de descrição, de “glória”.

Assim a rainha como sua “glória” são feitas de bronze.

A igual distância da figura régia, erguem-se, subindo da parte inferior do camafeu, duas colunas, uma de cada lado da efígie, feitas ambas da mesma faiança do “fundo” do objeto. Tais colunas possuem cinco divisões, cada uma. Terminam por capitel, cada uma com o seu, o qual sustenta ornamento em forma de tríplice U, com as aberturas para baixo. Colunas, capitéis e ornamentos têm as mesmas matemáticas medidas.

Existem também hieroglifos. Há quatro ordens ou séries dêles: duas entre os lados da efígie real e as colunas acima descritas; e duas depois das colunas, nas extremidades do camafeu.

A primeira e quarta ordem dos hieroglifos — ou sejam: os hieroglifos que ocupam os dois extremos do camafeu — são idênticas. Quero dizer que os hieroglifos da extremidade lateral direita são os mesmos que se reproduzem na extremidade lateral esquerda.

A segunda e a terceira ordem ou série de hieroglifos, porém, localizadas entre o corpo da rainha e as colunas, são diversas entre si e em relação aos hieroglifos das extremidades.

Tudo o que levamos dito se esclarecerá, examinando-se as fotografias anexas.

4.º — O camafeu possui duas faces absolutamente idênticas em tudo. Só diferem no atual estado de sua conservação. Para efeito de clareza, denomino uma face “A”, “B”, a outra.

5.º — Examinei com grande atenção essas duas faces, desejando saber se fôsem ou não duas partes de uma só coisa, um todo único, trabalhado dos dois lados. Confesso que empreguei seis horas, ou pouco menos, para descobrir o sistema



de encaixe das duas faces, as quais, pois, são duas peças, em si independentes e conjugadas por admirável processo. Tão perfeito, que, quebrado o camafeu já por três vèzes, nem as duas faces jamais se separaram, nem sequer se pode ver, nas quebraduras, qualquer sinal de conjugação das duas placas ou faces.

Depois de aturada observação e já quase convencido de que o camafeu era um todo único, uma só peça, percebi na orla da face "A" (isto é: no lado externo do camafeu, na espessura que lateralmente separa as duas faces), diminutos pontos. Mais detidamente examinados, tais pontos apareceram conjugados em linha, tènue mas regular, a qual percorria tôda a espessura lateral do camafeu. — A linha da juntura. Assim, a face ou placa "A" termina logo ao início da espessura lateral direita (direita para quem olhe o camefeu); o restante dêsse bordo lateral é ocupado pela orla lateral da face ou placa "B". — Em medidas temos: tôda a espessura lateral do camafeu é de 2 milímetros e  $\frac{1}{2}$  dc.; a face "A", nessa espessura lateral, ocupa apenas 1 dc. de milímetro; os restantes 2 mm. são constituídos pelos bordos da face "B".

Em compensação, na sua espessura lateral esquerda (esquerda para quem olhe o camafeu), a face ou placa "A" alonga-se por 2 mm. inteiros, findos os quais juxtapõe-se ao décimo de milímetro da face "B".

Enfim, em baixo do camafeu, na orla ou borda que fica abaixo da "glória", há sinal particular. Parece ser a chave da junção das duas faces, mas não consegui explicá-lo satisfatoriamente, ao menos compreender bem como "funcionava". O sinal é o seguinte: >. E' como um sulco que termina a ranhura ou a linha de junção que desce pela espessura lateral direita do camafeu.

#### 6.º. — Estado atual de conservação.

Em linha geral, pode dizer-se que seja bom. Quando foi encontrado, porém, o camafeu tinha somente uma pequena rachadura transversal na parte superior da face "A". A fotografia de n.º 1, feita pelo Dr. Camilo Ermelindo logo após a aquisição da peça, demonstra o que dizemos.

Havendo, contudo, o médico pôsto à observação de muitas pessoas o camafeu, sofreu êste alguma coisa em sucessivas quedas. A primitiva rachadura aprofundou-se, atravessando para o outro lado e rompendo o camafeu; em outra queda, a peça perdeu pequeno pedaço lateral; ainda em outra, rompeu-

se à altura dos joelhos da rainha egípcia. Em tôdas essas vêzes, foi o objeto, de novo, colado por seu proprietário.

E' de notar-se, repetimos, que mesmo nos lábios da falha existente no camafeu (produzida por uma das referidas quedas), falha que atravessa as duas faces da peça, não se pode ver nenhum sinal de sutura, nada que denuncie a juxtaposição das duas faces do camafeu.

#### Suas medidas.

Todo o objeto mede de comprimento .....	5 cm. exatos;
Na sua parte mais larga .....	3 cm. "
A efigie régia tem de comprimento .....	3 cm. "
e de largura .....	1 cm. e 2 mm.
O cajado da rainha tem de comprimento .....	1 cm. e 5 mm.
As colunas medem de comprimento .....	2 cm. e 7 mm.
de largura .....	5 mm.
O pêso do camafeu é de .....	5 gr. e meio.
Sua espessura é de .....	2 cm. e 1 dc.
O bronze, do qual é feita a efigie e sua "glória", mede .....	1 milés. de mm.

#### Considerações finais.

Feita a descrição pormenorizada do interessante objeto, algumas considerações inevitáveis se apresentam.

A pergunta menos embaraçante é: que significam os hieroglifos gravados em baixo relêvo no camafeu?

Não sou egíptologo, possuindo sôbre essa ciência apenas conhecimentos de cultura geral, amplificados um pouco pela observação e estudo (ligeiro, aliás) de peças mormente de museu que, por essa instintiva atração que prende ao antigo Egito qualquer estudioso de História, me foi possível examinar nos anos de formação na Europa. Em outras palavras, para dar resposta à interrogação acima, devi recorrer a especialista na matéria; dos símbolos grafados, apenas alguns eram para mim, de certa maneira, familiares, como o relativo à imortalidade, por exemplo. O sr. I. E. S. Edwards, perito do Museu Britânico em antigüidades egípcias, pessoa que há 25 anos se dedica exclusivamente ao assunto, com inexcédível gentileza respondeu à consulta que lhe fiz. Para S. S. os hieroglifos do camafeu de Dourados "are meaningless", são portanto meramente ornamentais, não formando sentido completo.

Mas, as duas grandes perguntas são outras.

Uma refere-se a autenticidade do camafeu; outra, ao seu aparecimento em meio à floresta matogrossense.

Seria, a peça, verdadeiramente egípcia? — Damos a palavra, outra vez, ao perito citado. Para o sr. Edwards o camafeu “é, claramente, uma manufatura dos tempos modernos”, idêntico a muitos outros — “dozens of them” — por êle examinados. Pensamos, contudo, que, não obstante a grande autoridade do egiptólogo citado, também outros peritos poderiam manifestar-se a respeito.

Questão, porém, a nosso ver muito curiosa é saber **como** tal peça, genuína ou não, foi parar em pleno meio de mata de nosso Estado do Mato Grosso. Muito pensamos sôbre tal problema, desde quando com êle nos defrontamos, em maio do corrente ano. Alguns poderão ver no camafeu (suposto que fôsse verdadeiramente egípcio-antigo), mais um sinal de uma pretendida e ainda não provada civilização egípcia transplantada para terras americanas. Hipótese certamente ousada. Era a apresentada pela reportagem que moveu nosso interesse pelo camafeu de Dourados, reportagem essa que citava alguns cientistas.

Tudo leva a crer, todavia, que o sr. Edwards tem razão, enquanto não se prova o contrário. Assim sendo, alguém teria deixado a peça em meio à floresta. Mas quem? Algum erudito viajante, algum viajado comerciante de antigüidades?

Formulamos uma hipótese, que deseja ser apenas hipótese. Parece-nos plausível. Pensamos em Francisco Solano Lopes (1827-1870), o ditador do Paraguai. Lopes havia estudado em Paris, naquele Paris de após Champollion; de depois de Aimé Louis Champollion também, que fôra encarregado de publicar os manuscritos de Jean François. Há mais: Lopes vivia com Mme. Elise Alice Lynch, mulher culta, que vivera também em Paris. Não parece improvável que ambos ou um dêles tenha tido “souvenirs” de imitação egípcia, comuns em Paris daquela época.

Procuramos, aqui em São Paulo, profundo conhecedor da guerra do Paraguai e de assuntos relativos a Francisco Solano Lopes. Trata-se do dr. Jorge Tibiriçá Filho, possuidor de invejável biblioteca sôbre aquêlê acontecimento de nossa história, a qual reúne livros também extremamente raros, oriundos dos quatro países interessados na longa luta paraguaia. Pudemos, assim, verificar que o ditador, após ocupar certa faixa de território brasileiro fronteiriço, que simplesmente anexou ao seu país, também trazia em sua campanha ao menos parte de seu famoso tesouro. Catálogo completo de tal tesou-

ro não encontramos e é difícil saber se jamais existiu (1). No entanto, é certo que, sentindo-se perdido, Lopes se desfêz de suas preciosidades, estando ainda no atual território brasileiro.....

Será esta, talvez, a explicação de como o camafeu de Dourados lá foi encontrado. Talvez também tal suposição dê o motivo de outras peças, igualmente com características egípcias, terem sido encontradas precisamente naquela 'região, quase fronteira com o Paraguai. De fato, estando em Dourados fui informado dêsses fatos e, no momento, ando ainda em buscas, através de sucessivos proprietários, a fim de localizar ao menos mais uma das referidas peças.

Havendo apresentado nossa hipótese ao perito do Museu Britânico acima citado — cumpre dizê-lo — o Sr. Edwards recebeu-a com certa reserva, embora sem julgamento definitivo. Acha s. s. que a factura do camafeu apresenta características que só aparecem em "forgeries" do fim do século XIX e princípio do atual. Ora, Lopes, como sabemos, foi morto em 1870.

Aí estão para juízo dos peritos, as considerações que acreditamos convir fazer a respeito de nosso estudo ou descrição. Devendo retornar a Mato Grosso, para prosseguir pesquisas sobre inscrições em pedra — às quais nos dedicamos —, cremos ser-nos-á possível visitar também o local provável do encontro do camafeu de Dourados, o que irá facilitar alguma investigação mais profunda.

**Pe. Dr. AFONSO DE MORAES-PASSOS**

---

(1). — Depois de havermos escrito esta pequena comunicação, estivemos no Paraguai (Assunção), mas também não conseguimos obter com os especialistas o catálogo do assim denominado "tesouro de Lopes".